



NOVA DEMANDA. E SENTENÇA A FAVOR
DOS OFFICIAES,
APRENDIZES
E DEGRADO
DO SERA M

ALVICARAS SENHORES OFFICIAES; E APREN-
dizes que vay o Seraõ degradado.

V Olitavaõ pelo ar os pavidos morcegos, chiavaõ nos ra-
mos os noturnos mochos, e bulcavaõ os campanarios das
Igrejas as azeiteiras corujas; huns com medo que as outras
aves lhe chegassem ao pelo; outros receyando que todas para
elles fossem picanços, e as ultimas, com menos medo que pou-
ca vergonha, se recolhiaõ a sagrado, proveito mais pelo de
lamberem as torcidas, que pelo terror de serem depenadas,
quando (lá aonde quer que for, que tanto não me importa di-
zer) depois de ter hum mestre sapateiro, a sua candeya acce-
za, parece já convidando os fabricantes do seu officio, para a
continuaçãõ de seus tacões, sem que nisto falhasse o aprendiz!

em

em tudo, e por tudo o mais prejudicado. De má vontade se chegaram, pois viaõ não ser cousa de enfiar pela cara dentro. Começaraõ os officiaes, e lò o pobre do aprendiz perdia a paciencia, dizia elle; e dizia bem: Eu de dia burro da caza, e de noute, bugio de tripeça? Não aturo a corriola, faço me moquen^o quo, e depois somno no cafo, que tanta tolice cõmigo já não cozo. Sentoute o coitado, e enfiando a sua linha começou a dar os seus pontos, e como não estava já para aquelles pontos, foy verdadeiramente, dando á execuçaõ o que tinha meditado para fingimento, e começando a penderlhe a cabeça, sem mais cerimonia entrou a roncar, como quem já dormia a sono solto. Mas apenas o Mestre o pilhou no argumento, dezenrolado do tirapé, e cingindolhe o caxaço, tanto lhe puxou pelas cor^o réas, que logo lhe sacudio o sono do corpo, e fez que o aprendiz começasse a blasfemar da sua vida, porque depois que acabou (por modo de quem tem pulgas,) de coçar o cozo e os calçoens, e dando hum pulle, com as lagrimas nos olhos e poz no olho da rua, e abalando por ella fóra, que sem duvida era o chiado, convocou, quantos aprendiaõ naquelle districto o seu arrastado exercicio, e passando a outros bairros, se lhe agregaraõ tantos descontentes, quantos eraõ os aprendizes dos officios que ha nesta Cidade de Lisboa. Junto que foy o plebeo miudo balcaraõ hum Tribunal, que elles bem sabiaõ, aonde era Juiz Presidente, hum venerando velho chamado Anno, de idade de mil e sete centos e cincoenta e dous, entrou aquelle amotinado povo, pela sala dentro pedindo justiça. Alterouse o Juiz vendo tanto motim, e tanta abundancia de gente, ea causa do seu medo foy recear perderle; porque muita gente junta não se salva. Perguntalhes o motivo do seu alvoroço? Respondemlhe Justiça. Contra quem? lhe repergunta. Contra o Seraõ lhe dizem, justiça, e mais justiça. Pois chamele o Seraõ disse o Juiz, palavras não eraõ ditas, quando sahiraõ dous belliguins, para prenderem o tal mocetaõ. Prezo que foy, o tronxe^o raõ à presença do Juiz, que logo mandou aos queixolos, disse^o sem seus aggravos, para nelles se fazer hum exemplar castigo,

19
começou o aprendiz de sapateiro, como mais offendido a quei-
xarle com lastima dos ouvintes, e o fez por este modo.

Eu senhor Doutor Juiz

Do Seraõ hoje me aqueixo;
Pois elle fez que meu Mestre
Me chegasse bem ao pelo.

Tem esse Reo commetido
Nella Cidade hum Duélo,
Que merece huma vingança
Para que sirva de exemplo.

Tem metido na cabeça
Aos Mestres hum grande erro,
Que faz que aos aprendizes
Se dê sempre pão de perros.

Faz que os Mestres, que de dia
Nos occupão como servos,
De noute, como macacos,
Nos tenham prezos ao lepo.

Isto se fosse tamente
Por hum limitado tempo,
Vaya con Dios que se ature,
Porém he lá ao teu geito.

Inda que fosse huma noute,
Tamanha como hum inteiro
Anno, se a mais não passara,
Podia ter sofrimento.

Porém se a caso dormimos,
Que a noute não he mysterio,
Truz carolo para logo
Nos massaõ alma, e cagueiro.

Noutro dia, por acaso
Pescando estive ao candeyo,
E por isso pozme em pele,
Pingoume a traz sem ser negro.

De tudo isto tem culpa
Esse Réo que estamos vendo ;
Pois todos os nossos males
Tiverão nelle o começo.

E ainda por mais ajuda
Tudo isto por seu concelho ,
Deu-me o somno , vay o Mestre ;
E moeu me a murro seco.

Pucha pelo tirapé
Vay o cachaco co' o demo ?
E quando Deos he servido
Anda o bucho sobre o pélo.

Mal haja o filho da puta ,
Que inventou tal instrumento ;
Pois com elle a cada passo
Nos empanzinaõ sem medo.

Inda agora succedeo
Que o somno a torto , e direito ;
Commigo a contas entrasse
Assim por hum pouco tempo.

Vay o bebado do Mestre
Sacame o somno a passeyo ,
Sem alma , nem consciencia
Com hum chimpanasio fero.

No titapé agarrando ,
Me pelpegou aqui mesmo .
O somno foy c'os diabos
A pelle ficou-me ardendo.

Aqui bem junto da nuca
Me tosquiou o cabelo ;
E sem mais dizer affasta
Nas orelhas o som veyo.

Filho da chucha supponho
Que elle he malfim dos dezerto ;
Pois na cova do ladraõ
Esperava passageiros.

20

E senão fujo depressa
Antonces a Deos dinheiro;
Certamente fico morto,
Matame o filho do demo.
De S. Crispim co' o Rozario
Entrava a contas, e creyo,
Que entãõ faria de veras
Mil extremos, sem mysterio;
De tudo quem tem a culpa
Heesse negro seneiro,
Seraõ que presente está
Sem já mofo estar fazendo.
Hum bem exemplar castigo
Merece pelos seus erros:
Olhe como está callado
Tapaõlhe a boca seus feitos!
Para a Ilha dos Macacos,
Que vá degradado peço,
Vá lá pentear bugios,
E deixenos em socego.
Fama he publica, e constante
Pelo que faltar protesto,
E que le faça justiça,
Com bastante comprimento;

Acabou de arrezoar o aprendiz de sapateiro; e fazendo cortezia deu final, que se lhe esgotara a medicina, e logo o Juiz mandou ao Réo que dissesse de sua justiça, e elle surumbatico, e calmurro, sem levantar os olhos, mordendo os beiços, não disse nada, e de *more solito* ficou lançado, mandou continuar o processo, e leguiõle o aprendiz de Alfayate que trovejandolhe as culpas, o accusou por este modo.

Pois

Pois ainda o meu aggravo
muito mayor mostra ser
quanta he a força que põem
weu mestre n'um pão q tem
Inda agora com hum banco
me atirou, permittio Deos,
q não me apanhou os calcos,
pois se os pilha a Deos Ma-
nel.

A gente cá não he tanta
dalhe o lono algũa vez,
vay o mestre affizinado,
zabumba, caneca ay lé.
Truz carruz, quem merca os
fuzos,
se faltar a agulha vé;
pois super mim a estuzaõ,
me cabe não tendo Judêo.
Inda agora neste instante
só porque o lono me cêo
não faz nada, c'um arroxo
ver as Estrellas me fez.
E foy afno; porque eu só
com os olhos dormitey,
e elle com as taponas
me fez todo adormecer.

Que trabalhe mos de dia
Eu digo que justo he,
Porém trabalhar de noite,
isso, nem Mouros de Argel.
Se acato fica em Lisboa
Os Medicos cedo tem
Que fazer, q em tal trabalho
Muy certa a doença vem.
Isto he muito prejuizo,
E assim venho requerer,
Que o Seraõ depressa morra
Por levantador da grey.
Isto basta, pois se o vemos
Hũa vez, ja sem dar fé'
Juramos de dizer sempre
Ay nita nanita ay né.
Ao menos vá degradado
Para a America; porque
Na Preguiça do Brasil
Hum grande castigo tem.
Tenho dito o meu libello
Hoje a tantos de tal mez,
Peço em fim recebimento,
E protesto custas ter.

Acabou de dizer o mencionado aprendiz, e logo o Juiz
levantando os olhos, arqueando as sobranceiras começou a
proferir a sentença, que de verbo ad verbum he a seguinte.

Vistos os criminaes fies libellos
Que contra o criminoso com disvellos;
Poem esses dous Authores em juizo,
Julgo, que pelo, maximo prejuizo,

Que

27
Que aos Authores tem feito
Castigo deve ter, pois em direito
Ser deve castigado
Aquelle que commete algum peccado,
Pois o direito ordena
Que de qualquer delicto se dê pena;
Assim o diz o Padre Mestre Ignacio
E tambem esse Author do cartapacio
Com razão, que não pôde ter debate
Que o castigo sempre he *pena peccati*:
E como diz o texto
Bem se deve evitar pelo pretexto
De ser prejudicial á gente toda
Naquelle que não traz o mal por moda
E mais pela razão com que vintila
A ley que expressa diz *parva scintilla*,
E depois, isto assim sendo primeiro,
Fica já tudo sendo verdadeiro
A palavra com fé sem que se abale
Pela ley de *omne verbum personale*,
E como verdadeiro *omne tenetur*
Clara virtus aternaque habetur;
Porque depois do mal perder as posles
Tudo o mais que vier, he hum *Assis flocis*.

Isto assim ponderado
Mando que o Seraõ seja degradado
Pata o Brasil por tempo de seis mezes,
E no cazo que torne cá mais vezes
Levará c'uma sola de contado
Trinta açoutes no meyo do costado,
E feito o pelosinho em trinta cacos
Logo irá para a Ilha dos Macacos,
E se acato tornar cá desta ida
Para a India embarcará por toda a vida,
E para em nada o Réo fazer jaçtancia

Mando

Mando que pague as custas desta instancia
Senaõ tiver com que, mando que seja
Prezo no Limoeiro, e que lá este;a,
Té que sem mais demora
Và navegando pela barra fõra,
Lisboa a tantos dias de tal mez
Anno de cincoenta e dous por esta vez.

Dada que foy a Sentença, achouse que o tratante não te-
ve com que pagar as custas da Sentença, e logo os dous ma-
chacazes agarratorios com unhas, e dentes, se atracaõ com
o miseravel Seraõ, e de repente o pregaraõ no Limoeiro, aon-
de esteve, até que algemado o passaraõ ao navio, para hir
cumprir o seu degredo, ficando assim aquella congregaçã de
levantados aprendizes, livre da farna, que tanto o fio do
lombo lhe comia, e tanto nos seus cachacos escoava.

A M S T A R D A M :

En la Nueva Imprenta de BELCHIOR CHEFELE, &c.

